

Instituto federal forma mais rápido

Cursos superiores de tecnologia duram de 2 a 3 anos, enquanto bacharelados chegam a 5

Arquivo IF-SC/Divulgação



Alunas da licenciatura em química do Instituto Federal de Santa Catarina

ANDRESSA TAFFAREL
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

Com foco no mercado de trabalho, os cursos superiores de tecnologia cresceram nos últimos anos em ritmo acelerado, assim como a economia do país.

Responsáveis por grande parte das vagas oferecidas no Sisu (sistema do Ministério da Educação que usa a nota do Enem), os institutos federais estão distribuídos por todos os Estados -alguns têm até mais de um.

Dados de 2008 do Censo da Educação Superior, do MEC, mostram que o número de cursos de tecnologia nos institutos, que eram conhecidos como Cefets, cresceu 135% em seis anos -de 146, em 2002, para 343, em 2008.

Um dos motivos é que esses cursos podem formar profissionais especializados mais rápido. Em média, os tecnológicos duram de 2 a 3 anos, enquanto os bacharelados podem chegar a 5.

"Parte do mercado de trabalho não pode esperar tanto tempo [por um bacharel], e os tecnólogos têm uma formação tão qualificada quanto os bacharéis, só que mais específica", afirma o secretário de Educação Profissional e Tecnológica do MEC, Eliezer Pacheco.

O projeto de expansão dos institutos federais também faz parte de uma política do governo Lula, que pretende oferecer ensino superior gratuito nas cidades do interior.

Outro objetivo é criar cursos que possam suprir necessidades regionais do mercado. A carga horária costuma ser intensa, com cursos de período integral. "É muito bom, mas bem puxado", afirma Cássia Cabral, 23, que faz engenharia de controle e automação no IFSP (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de SP).

DIFICULDADES

Uma das dificuldades dos institutos é mostrar que os cursos de tecnologia são de ensino superior, e não de nível médio, como os técnicos. "O tecnólogo não é um técnico melhorado. [O tecnológico] É um curso superior, e quem sai dele pode fazer mestrado, doutorado", diz Consuelo Sielski Santos, reitora do instituto de SC.

A falta de parceria com empresas para realizar pesquisas é outro problema que alguns institutos encontram. "A maioria das empresas não nos conhece", diz Yoshikazu Suzumura Filho, reitor em exercício do IFSP.

Mais de 80% das vagas estão nas particulares

COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

A maior parte dos alunos dos cursos de tecnologia estudam em instituições privadas - assim como ocorre no ensino superior em geral.

Em 2008, segundo censo do MEC, a rede particular era responsável por 83% das vagas - 3,8 milhões de matrículas foram feitas na rede particular, de um total de 5 milhões.

A expansão dos cursos superiores de tecnologia também foi maior na rede particular, onde o número de cursos cresceu quase 800%. Em 2002, eram 421 cursos, e em 2008, 3.773.

